

TRICENTENARIO DE CAMÕES

1

BRINDE

AOS

ASSIGNANTES

DO

COMMERCO DO MENDO

DIA

10 DE JUNHO

DE

1880.

BRAGA = TYPOGRAPHIA LUSITANA.

Á MEMORIA
DE
LUIZ DE CAMÕES

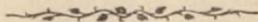
NO SEU TRICENTENARIO

EM

10 DE JUNHO DE 1880:

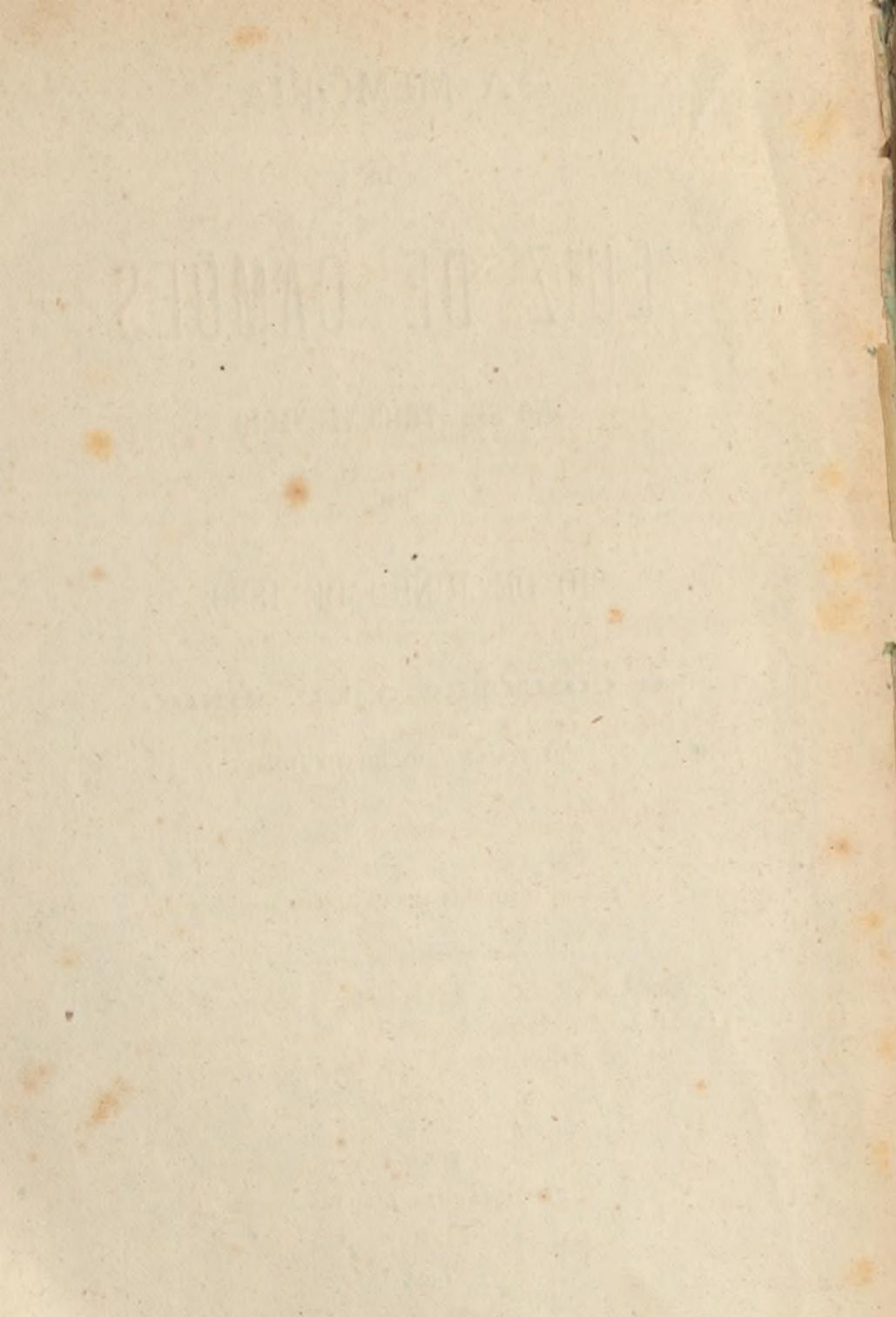
O COMMERCIO DO MINHO

TRI-SEMANARIO BRACARENSE.



BRAGA
TYPOGRAPHIA LUSITANA
4—Rua Nova—4

1880.



TASSO A CAMÕES

Vasco, le cui felici ardite antenne
Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dov'egli par che di cader accenna;

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclopo ultraggio e scorno;
Né qui turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Né dié più bel subieto a colte penne.

Ed or quella del colto e bon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.

Ond' a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama giunge.

(Extrac).

TASSO'S CAMOES

Your is the name of the
Inventor of the
The first of the
The first of the

And this is the
The first of the
The first of the

The first of the
The first of the
The first of the

Only a few
The first of the
The first of the

EXCERPTO

DOS

LUSIADAS

CANTO VIII

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que é fingida:
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naus e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças e dons altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal, nem penhor não é bastante
As palavras d'um vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra é patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-m'o sem temor de infamia ou morte;
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O mahometico odio, d'onde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava:
C'uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

—Se os antigos delictos, que a malicia
 Humana commetteu na prisca idade,
 Não causaram, que o vaso da iniquicia,
 Açoute tão cruel da Christandade,
 Viera pôr perpetua inimicicia
 Na geração de Adão, co'a falsidade
 (O' poderoso Rei) da torpe seita,
 Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suór vive sempre de seu peito;
 Me mostras tu tão pouca confiança
 D'esta minha verdade, sem respeito
 Das rasões em contrario, que acharias,
 Se não crêsses a quem não crer devias.

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
 Undívago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que interesse
 Viria experimentando o mar irado,
 Os antarcticos frios, e os ardores
 Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d'alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o extranho clima
Onde a natureza poz teu reino antigo;
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne a minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da última Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crêa d'elle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram;
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar no ninho caro
O morador de Abyla derradeiro.
Este, por sua industria e engenho raro,
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, de Lebre e da Ara.

LXXII

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno extranho,
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta é a verdade, Rei: que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, sperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na rasão que está provada,
Que com claro juizo pode vêr-se;
Que facil é a verdade d'entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe d'elle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na auctoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
 Que espera do contracto lusitano,
 O faz obedecer e ter respeito
 Co'o Capitão, e não co'o mauro engano.
 Emfim ao Gama manda que direito
 A's Naus se vá, e seguro d'algum dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande de fazenda em fim lhe manda,
 Que nos reinos gangeticos falleça;
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 D'onde a terra se acaba e o mar começa.
 Já da real presença veneranda
 Se parte o Capitão para onde peça
 Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
 Embarcação; que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação que o leve ás Naus lhe pede;
 Mas o mau regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças e embaraços.
 Com elle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Ondê, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gento consentisse
Nã má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle até ali não entendera.

LXXXI

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Sa'norim potente:
D'elle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente:
Elle, que no concêrto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas Naus e não lhe val;
E que assi lh'o mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Por que rasão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Nã pode ser por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo:
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido estava vendo,
Ou como as Naus em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Maumetanos;
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama emfim, que lh'ó defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e rasões do Capitão,
Responde o Idolátra, que mandasse,
Chegar a terra as Naus que longe estão,
Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
Signal é de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a Frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
E' não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

N'estas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as Naus deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lh'as assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama,
Phantasiando está remedio certo,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava:
Tudo temia, tudo emfim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vae ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão, movido
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo aqui, e ali dessocegado;

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia co'os bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á Frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maumetanos.

LXXXIX

Tal hade ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualal-os:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os:
Com militar engenho e subtil arte
Entender os imigos e enganar-os;
Crêr tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.



SUMMARIO

LUIZ DE CAMÕES, por *D. Miguel Sotto Mayor*
— CAMÕES, por *M. Marinho*. — LUIZ DE
CAMÕES, pelo *Padre João Vieira Neves Cas-*
tro da Cruz— UMA VERSÃO DOS LUSIA-
DAS, por *Pereira-Caldas*— UMA DATA ME-
MORAVEL, por *M. de Carvalho*— A VOZ DE
JAU, por *Manoel Bernardino da Cunha e Sil-*
va— DEZ DE JUNHO, por *D. F.*

E's de Lysia o brasão, pasmo do mundo.

DR. CASTRO FREIRE—*Recreações poeticas, 1.*

LUIZ DE CAMÕES!.....

Que portuguez, ao escutar este Nome, não sentirá pulsar-lhe mais forte o coração no peito?

Quem, de entre os filhos de Portugal, deixará de saudar com o mais patriótico enthusiasmo um Nome, cujos brilhantes esplendores ainda hoje inundam de luz a terra, que lhe foi berço, e que o poeta estremecera com o mais intimo affecto da sua alma?

Quem deixará de prostrar-se, quasi que em adoração extatica, ante o vulto colossal do cantor dos *Lusiadas*, que por cima de todas as grandesas d'esta nação, outr'ora a primeira da Europa, se alevanta ainda como uma estatua immensa, cuja fronte corôa o louro sempre verde, e cujo pedestal nem sequer oscilla no meio do refluxo das edades?

LUIZ DE CAMÕES! Salve! Tres vezes salve!

O mais obscuro de teus compatriotas une hoje a sua debil voz ao grito unisono, que prorompe de todos os labios portuguezes, e Te sauda jubiloso na tua triplice gloria de

Principe dos epicos modernos:

Finissimo amator da patria:

Poeta christão, *crente* sincero e convicto!

E saudando-te sob esta ultima manifestação do teu nobilissimo genio, venho eu lavrar um solemnisimo protesto contra os que, falseando a legitima significação das homenagens, que hoje Te consagra a tua amada patria, fazem d'ellas pretexto para alardearem doutrinas religiosas e sociaes, que Tu repellirias indignado se um sopro de vida podesse hoje animar as tuas venerandas cinzas.

Sim; Tu desmentirias, n'um brado de indignação profunda, essa opinião exotica e absurda, que alguém ahi quer introduzir, como contrabando, para áquem das fronteiras da historia e do senso commum; opinião segundo a qual o poema das nossas glorias—os *Lusiadas*—seria o monumento de não sei que victoria enorme alcançada pelo espirito *aryano* ou *heresiarca* (sic) sobre o espirito *semitico* ou *crente*.

E' falso. mil vezes falso este sonho de cerebros desvairados, que em prol de suas loucas hypotheses teem convertido ultimamente a historia em uma permanente conspiração contra a verdade.

Os *Lusiadas* são, pelo contrario, e em que pêze aos deturpadores do character do nosso grande epico, a affirmação da sua pura fé religiosa e o monumento do zêlo dos nossos maiores pela dilatação do Catholicismo. As grandes conquistas, as grandes descobertas, os grandes feitos dos antigos portuguezes tiveram por mobil-principal o empenho de levar a luz da Fé ás regiões longiquas e desconhecidas. Resalta esta verdade de todos os nossos monumentos historicos, e CAMÕES prestou-lhe tambem um esplendido testemunho.

Cantando aquelles feitos maravilhosos, o poeta celebra com igual enthusiasmo a causa, que os impulsionára, e n'ella faz consistir uma das glorias dos nossos heroicos antepassados :

E tambem as memorias gloriosas
 D'aquelles Reis, que foram dilatando
 A Fé, o imperio, e as terras viciosas
 D'Africa e d'Asia andaram devastando ;
 E aquelles, que por obras valorosas
 Se vão da lei da morte libertando,
 Cantando espalharei por toda parte,
 Se a tanto me ajudar engenho e arte

Cem lugares do immortal poema viriam corroborar a prova da nossa asserção, se tanto fôsse mister. Mas onde o poeta mais explicitamente affirma a sua adhesão, e a do seu paiz, á Fé orthodoxa, tomando isto como uma gloria nacional a uma preeminencia de Portugal sobre outros reinos da Europa, é nas primeiras estancias do canto VII, em que exalta os serviços prestados pelos seus conterraneos á christandade, verberando ao mesmo tempo com golpes não menos profundos, que certos, os povos europeus, que se mostravam menos fieis á Egreja de Jesus Christo, e entre os quaes já se faziam sentir os terriveis effeitos da heresia, geradora do chamado *espírito moderno*, em rebelliões e luctas intestinas, em relaxação de costumes e n'essa intolerancia feroz, que a *Reforma* fôra a primeira a empregar contra os que se não curvavam ao seu jugo vilipendio.

Rememoremos esses versos de uma inexcedivel energia, que só uma profunda e sincera convicção podia inspirar :

A vós, ó geração do Luso, digo,
 Que tão pequena parte sois no mundo ;

Não digo inda no mundo, mas no amigo
 Curreal de quem governa o Céu rotundo ;
 Vós, a quem não somente algum perigo
 Estorva conquistar o povo immundo,
 Mas nem cobiça, ou *pouca obediencia*
Da Madre, que nos Ceus está em essencia ;

Vós, portuguezes, poucos quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pezais ;
 Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilateis ;
 Assim do Céu deitadas são as sortes,
 Que vós por muito poucos que sejais,
 Muito fazeis na santa christandade ;
 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade.

Vêde-los Alemães, soberbo gado,
 Que por tão largos campos se apascenta,
 Do successor de Pedro rebellado,
 Novo pastor e nova seita inventa:
 Vêde-lo em feias guerras occupado
 (Que inda co'o cego error se não contenta!)
 Não contra o soberbissimo Othomano,
 Mas por sair do jugo soberano.

Vêde-lo duro Inglez, que se nomeia
 Rei da velha e santissima cidade,
 Que o tórpe Ismaelita senhoreia :
 (Quem vio honra tão longe da verdade!)
 Entre as boreaes neves se recreia,
 Nova maneira faz de christandade ;
 Para os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra, que era sua.

Guarda-lhe por entanto um falso rei
 A cidade Hyerosolima terrestre,
 Enquanto elle não guarda a santa lei
 Da cidade Hyerosolima celeste.
 Pois de ti, Gallo indigne, que direi ?
 Que o nome Christianissimo quizeste,
 Não para defendel-o, nem guardal-o,
 Mas para ser contra elle e derribal-o.

Achas que tens direito em senhorios
 De christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
 E não contra o Cinypho e Nilo rios
 Inimigos do antigo nome santo ?
 Alli se hão-de provar da espada os fios
 Em quem quer reprovár da Igreja o canto.
 De Carlos e de Luiz o nome e a terra
 Herdaste, e as causas não da justa guerra ?

.....

Mas em tanto que cegos e sedentos
 Andais do vosso sangue, ó gente insana,
 Não faltarão christãos attrevimentos
 N'esta pequena casa Lusitana.
 De Africa tem maritimos assentos;
 E' n'Asia mais que todas soberana,
 Na quarta parte nova os campos ara;
 E se mais mundo houvera, lá chegara.

Eis ahi o poeta, pelo que respeita á crença
 religiosa—sua e dos seus.

Ainda umas breves reflexões, e vamos já terminar o presente artigo.

Quando CAMÕES compunha o seu immortal poema, havia tido lugar, apenas um seculo antes, a renascença dos estudos classicos, que lhe punha debaixo dos olhos, como auctorisados e unicos modelos a seguir na construcção da epopêa, Homero e Virgilio, cujas reminiscencias, especialmente da *Eneida*, se deixam bem perceber no principio dos *Lusiadas*. Em breve porém o poeta se desprende das regras e convenções da arte classica, e da imitação servil d'aquelles modelos, para se abandonar inteiramente á sua propria inspiração.

Os *Lusiadas* tomaram então a feição de uma epopêa verdadeiramente nacional. Tudo quanto havia de grande e bello, de cavalheiresco e de tocante na historia da nação portugueza, entrou, sem grande attenção aos preconceitos dos mestres, na contextura do poema que, como observa o illustre Schlegel, abrangeu toda a poesia nacional. Nos *Lusiadas* existe a antiga sociedade portugueza com as suas qualidades mais distinctas, com as suas inclinações, com os seus costumes, com as suas virtudes, e até com alguns dos seus defeitos. Por isso é que, no sentir muito verdadeiro do critico acima citado, o poema de CAMÕES equivale a uma litteratura inteira.

Ora uma das feições mais proeminentes da nossa velha sociedade era, além do zelo pela dilatação da Fé Catholica, a firme adhesão á cadeira de Pedro e a aversão a tudo quanto cheirava a pravi-dade heretica. Já em 1385 as Cortes de Coimbra repelliam do throno portuguez, por ser *herege* ou *scismatico*, a D. João I de Castella. Foi mister que, quasi dous seculos depois de CAMÕES, a heresia se disfarçasse no manto cambiante do *jansenismo* para

poder penetrar n'este reino fidelissimo, e que, mais tarde ainda, o *liberalismo* aqui estabelecesse o seu pleno reinado, para que podessem ter livre curso os mais monstruosos erros contra a Religião, e mesmo assim com quasi geral indignação e repugnancia do nosso bom povo.

Eis aqui o que nos diz a historia ácerca da nossa nunca desmentida fidelidade á Egreja Romana, unica depositaria da verdadeira doutrina e da verdadeira crença em Jesus Christo. E' esta uma das nossas principaes glorias, e como tal não podia deixar de ser bem altamente celebrada em a nossa grande epopêa nacional.

E os que pretendem vestir CAMÕES á moderna e enfileiral-o entre os precursores da apostasia hodierna, calumniam miseravelmente a sua veneranda memoria.

CAMÕES foi um poeta *crente*, um poeta christão.

Arrancar-lhe do peito a Cruz, que adorou em vida, e com a qual morreu abraçado, é um sacrilegio horrendo, contra que protestamos com todas as nossas forças, assim como contra os especuladores abjectos, que da festa eminentemente nacional do seu tricentenario querem fazer mercado de avariadas fazendas, convertendo-a em manifestação anti-historica, anti-litteraria e sobretudo *anti-religiosa*.

Associando-nos de todo o coração ás patrioticas homenagens prestadas pelos espiritos rectos e sinceros ao immortal Vate, repellimos os que o insultam fingindo elogial-o; e n'isto mesmo conservamos a nossa posição que, com o auxilio de Deus, jámais abandonaremos, de *catholico* e de *portuguez*.

CAMÕES

Deus suscita ás vezes no seio das nações verdadeiros genios, que são outros tantos astros destinados ao horisonte dos povos.

A' sua luz desvanescem-se as sombras do passado e dissipam-se as trevas do porvir.

São elles que illuminam a historia e abrem ás gerações as portas do futuro.

A sua missão é providencial; e quando as nações, em seu caminhar, tomam o rumo que elles lhes indicam, não ha perigo que sossobrem.

Em Portugal só um homem logrou elevar-se ás eminencias d'este privilegio exclusivo = foi CAMÕES.

Parece que a magestade do genio se alliára á magestade do infortunio para guindarem este vulto a uma altura em que só fosse possivel contemplal-o.

LUIZ DE CAMÕES foi o mais desventurado dos homens; mas o absyntho de sua dôr destillava-o elle em dulcissimos carmes, que, repassados do mais vivo amor da patria, lhe preparavam a immortalidade laureada pelas sympathias da desgraça.

O cysne lusitano morreu novo.

Fechando quasi essa longa serie de heroes que

dos campos d'Ourique se enfileiravam até aos planos de Alcacer-Kivir, aquelle espirito forte como que fatigara, antes de tempo, o corpo que o encerrava.

Era natural.

As grandes almas são, no dizer de Chateaubriand, como os grandes rios que alagam as margens por onde passam.

A patria, que nem a mortalha julgou dever-lhe, alevanta-se hoje unanime para solver uma divida á sua memoria.

E' justo.

Portugal que tem nos *Lusiadas* a melhor garantia de sua independencia, precisava de um dia de gratidão para seu auctor.

Esse dia chegou por fim — saudemol-o todos.

M. MARINHO.



LUIZ DE CAMÕES

«Aquelle cuja lyra sonora
Será mais afamada que ditosa.»

Deante da espada victoriosa de D. Affonso Henriques recuam as bellicosas hostes mahometanas; sobre os muros torreados da maior parte dos castellos mouriscos já se não divisa a bandeira do propheta: a formosa terra de Portugal, quasi desaffrontada pelo valor de seus filhos, vê livremente coroado seu rei.

A terra, que era escrava, abatida, esmagada pelo pé mauritano, está elevada á cathegoria de nação, e vê desenvolver-se em seu seio a religião e a cavallaria, germen fecundo da civilisação europea.

Os mouros absortos contemplam os grandes feitos de armas e gentilesas de valor dos nossos guerreiros, companheiros de D. Affonso: dóe-lhes n'alma os triumphos do Evangelho por toda a Lusitania; custa-lhes a soffrer suas continuas derrotas, e o duro constrangimento de ceder ao filho de D. Henrique o dominio da terra que haviam senhoreado por mais de quatro seculos.

Mas em vão o mouro soberbo reúne suas forças para vingar o Alcorão e assegurar a posse do rico solo da península: os valentes e leaes portuguezes não sabem fugir, e todos combatem denodadamente pela honra da patria, pela religião de Christo, pela liberdade e nacionalidade portuguezas.

Está Portugal livre do jugo musulmano, e consolidada a monarchia de Ourique.

Nunca serão esquecidos os nomes d'esses esforçados e valentes guerreiros e lidadores, que com suas lanças e espadas varreram os infieis do solo peninsular.

E tambem serão sempre recordados os nomes dos illustres fundadores da gloria portugueza, que foram em longes terras erigir-lhe os duradouros padrões que teem resistido ao braço vigoroso de tres seculos, e, ainda mais do que isso, á incuria, á ignorancia e ao desprezo dos homens.

Muitos nomes, cercados da aureola da gloria, archiva a nossa historia, com orgulho o podemos dizer.

Mas, se Portugal, rico em tantas recordações, póde gloriar-se de ter dado o berço a tantos heroes, illustres por seu extremado valor contra mouros e contra castelhanos; se póde reivindicar a gloria de ter concorrido em grande parte, por meio das descobertas e navegações de seus filhos, para a grande obra da civilisação; se póde, finalmente, mostrar ao viajante primores de architectura n'esses monumentos da sua passada gloria, tambem lhe póde apresentar grandes homens que figuraram na litteratura europea.

Elles são hoje o enlevo dos que teem em grande estima o patrimonio da sciencia que nos legaram nossos maiores.

Na galeria d'estes homens fulgura o nome de

LUIZ DE CAMÕES, cujo tricentenário hoje celebramos.

CAMÕES: eis o homem que se fez immortal, immortalizando a patria. Cingiu-lhe a frente uma coroa de poeta, e vestiu-lhe os membros uma armadura de soldado.

Viveu descuidado dos homens, e desfavorecido de fortuna; mas foi constante na adversidade, e sempre honrou o merito alheio.

Serviu a patria como aquelles que possuem peitos generosos, vivendo a vida dos heroes.

Possuiu uma d'essas almas de fogo, sublime, terna e apaixonada; uma d'essas poucas almas a quem é dado deixar á posteridade um monumento eterno, honroso padrão da gloria d'um povo e da sua propria gloria.

LUIZ DE CAMÕES é um dos mais illustres poetas que a Europa tem produsido, o sublime cantor que fez soar o nome portuguez, radiante de gloria, desde o Tejo até o Neva.

O poema epico — *os Lusíadas* — em que CAMÕES exaltou as glorias de Portugal e cantou as victorias da patria, é a obra prima do seu grande ingenho, o maravilhoso painel em que retratou a sua alma.

N'essa famosa epopêa ennobreceu CAMÕES a nação portugueza; arraigou nos corações os sublimes exemplos de amor da patria, e as lições dadas pelo valor, pela coragem e pela honra; fez amar a virtude e chamou a compaixão sobre as fraquezas do proximo. Ninguem como elle prehenheu este empenho que deve ter em vista um poema epico.

Quem mais do que elle exaltou e engrandeceu seus compatriotas? Quem com mais enthusiasmo accendeu no peito humano o amor da patria? Quem pintou com mais vivas cores essas briosas façanhas

que fizeram de Portugal uma nação de heroes? Quem desenhou a virtude com mais formoso rosto, com mais feia catadura o crime?

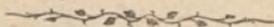
Ninguem, por certo, mais do que CAMÕES nos seus *Lusiadas*.

Mas CAMÕES teve a sorte de quasi todos os homens grandes — obscuridade durante a vida, clarão de gloria depois da morte! A posteridade vingou o immortal cantor.

Elle mesmo adivinhou o seu destino, quando na estancia 128 do canto X do seu poema disse:

«Aquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada que ditosa.»

Padre JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.



OS LUSIADAS

Alvoroça-se, hoje, a nação, commemorando o famoso epico cantor das maiores façanhas lusitanas, no periodo esplendoroso das grandezas de Portugal.

Justa é a publica alacridade. A grata memoria do vate dos *Lusiadas* accende o enthusiasmo do espirito nacional, porque é um symbolo das glorias da patria, nomeado, por consenso universal, o principe dos epicos portuguezes, grangeando a veneração e o respeito, que vem, tradicional, atravez dos seculos.

Os *Lusiadas*, epopêa altiloqua dos feitos heroicos dos portuguezes, captivam a admiração unanime pela sua traça e debuxo, pelo agrupamento das figuras e pela propriedade e vigor do colorido, pela correcção da metrica, e pela exacção e primor da linguagem. No desenho geral logrou CAMÕES elevar-se á unidade e belleza da concepção virgiliana. O maravilhoso do poema, embora entretecido de reminiscencias e mythos pagãos, é riquissimo de invenção e perfeitamente ajustado áquellas grandes acções que n'elle se descantam, e principalmente a que domina, pelo seu fito espirital e christão, os heroicos episodios do assombroso periplo — do Gama.

Logo, na proposição, desde a segunda estancia dos *Lusiadas*, o poeta nos intima que vae cantar

..... *as memorias gloriosas*

D'aquelles reis, que foram dilatando

A fé e o imperio.

O que o vate se propõe celebrar, nas suas estrophes, é, ao mesmo tempo a conquista de novas e dilatadas regiões para a coroa portuguesa, e a adjunção de inesperadas e fecundas glebas á vinha espiritual e evangelica. O poema é pelos heroes e pelo assumpto, uma epopêa essencialmente christã. O seu maravilhoso corre subsistente e travado com a idéa religiosa, lavrando, ao mesmo passo, em dous campos—em um que lhe ministra a idéa fundamental;—em outro que lhe empresta os personagens de que carece para exornar e abrihantar o seu pensamento, mesclando á chronica severa da sua epocha os arabescos imaginosos da fabula poetica.

Vasco da Gama, apesar de que os numes fervem em enredos e dissidios por causa da sua navegação, permanece christão intemerato, e não são menos sonoro documento da sua fé ardente e inabalavel os bellos versos, com que, descrevendo ao rei de Melinde os primordios de Portugal, lhe conta a apparição de Ourique. Mal está concluida a larga narração das glorias portuguezas e christãs, quando ao sair o Gama de Melinde lhe surge, pelo travez da nau S. Gabriel, o insidioso Thyoneo

..... *que na alma sente*

As vantagens que então se aparelhavam

A' gente lusitana, d'ellas dina.

E como invejoso e réfece contradictor de portuguezes

Arde, morre, blasfema e desatina.

E mergulhando nas profundezas do oceano
 *vae se á côrte,*

D'aquelle a quem, o mar cahiu em sorte.

Convoca Neptuno as cortes marinhas, em cuja descripção o poeta se exalça cada vez mais pela belleza dos versos; e quando nos mares se excita a tempestade, Venus annulla os mandados de Neptuno, peitando, por intermedio de suas nymphas, a Boreas e a Noto, os executores da vingança de Baccho.

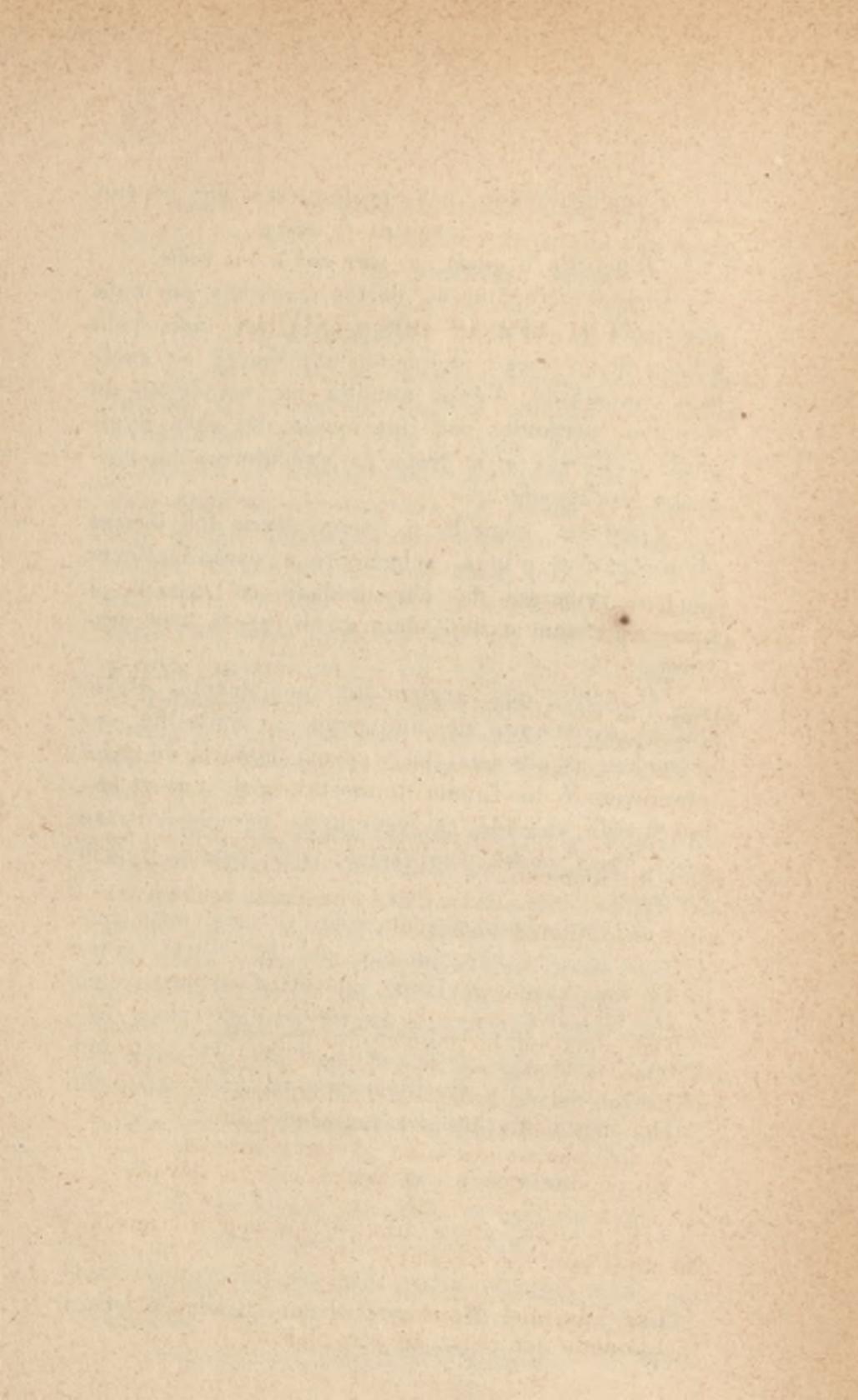
Logo em seguida o poeta sorri dos deuses olympicos; e n'uma vehemente e varonil allocução aos principes da christandade os exhorta a que propaguem e defendam a lei santa que professam.

O genio que ergueu um monumento d'este quilate á memoria de um povo, lavrando-lhe, em estrophes inimitaveis, a perpetua historia de suas grandezas, é um genio immortal, que requer, como divida sagrada, a veneração perenne d'esse povo, duas vezes seu irmão, pela patria e pelo heroismo.

A commemoração de hoje, é, pois, uma sincera e devida homenagem que PORTUGAL presta a esse genio, a LUIZ DE CAMÕES, o egregio cantor dos LUSIADAS, o prototypo dos epicos nacionaes, que em cada peito portuguez tem um templo, em cada intelligencia uma veneração, em cada lingua um hymno laudatorio.

C. V.

Este formoso artigo não vae indicado no sumario, em rasão de o recebermos quando já estava impressa a folha precedente.



UMA VERSÃO DOS LUSIADAS

I. — Das versões hispanholas dos LUSIADAS, impressas n'este seculo, estimam hoje em mais os nossos visinhos a do *Conde de Cheste*.

Foi publicada por este membro illustre da Real Academia de Madrid, em 1872, na mesma capital da Hispanha.

II. — Como especimen d'esta estimada versão, transcrevemos do EPISODIO da *Ignez de Castro* as oitavas CXX e CXXXV.

Não nos permite mais a estreiteza d'um esboço de momento.

III. — Na oitava CXX, transfunde assim a CAMÕES este titular hispanhol:

Te hallabas, bella Inés, quieta en sociogo,
De tus años cogiendo el blando fruto,
Del alma en el engaño dulce y ciego
(Que la dicha no dura como el luto)
En el florido campo del Mondégo,
Del cristal de tus ojos nunca enjuto,
A las plantas diciendo y flores nuevas
El nombre que en el pecho escrito llevas.

IV. — Na oitava CXXXV, eis-aqui a translação do *Conde de Cheste*:

Las hijas del Mondégo; oh noche oscura!
Llorando sin cesar te recordaron;

Y para alta memoria, en fuente pura
 Las lágrimas lloradas transformaron :
 El nombre la pusieron, que aun le dura,
 De «Las Cuitas de Inés» que allí pasaron :
 Y de esa fuente, hoy vida de las flores,
 Son *lágrimas* el agua, el nombre *Amores*.

V. — Para aquilatação poetica das lucubrações do illustrado titular, sirvam de pedra de toque as mesmas estancias do nosso *Principe dos Poetas* :

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito ;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto ;
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
 O nome que no peito escripto tinhas.

As filhas do Mondego, a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram ;
 E por memoria eterna em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram
 O nome lhe poseram que ainda dura
 Dos Amores d'Ignez que alli passaram
 Vêde que fresca fonte rega as flores,
 Que *lagrimas* são a agua e o nome *Amores*.

VI. — Com estas duas linhas—singelas e des-artificiosas—associamo-nos gostosos á homenagem, que *O Commercio do Minho* consagra ao tricentenario do nosso CAMÕES:—genio assombroso, que a si se appellidava propheticamente :

«..... aquelle cuja lyra sonora
 «Será mais affamada que ditosa.

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

UMA DATA MEMORAVEL

Eis aqui um povo que se agita em derredor de um tumulo.

E não é uma agitação ephemera.

E' um sopro gigante de vida que o levanta, que o torna brioso e digno, amante do solo da patria e ardente de civismo

E um povo assim, é um povo que não morre.

Tem a sua historia escripta em cada lapide, e murmuram-lhe as ondas do mar os seus feitos de gloria.

Não lhe falta um céu benigno, praias sorridentes, outeiros e campos florejantes.

E' lindo este céu de Portugal e gentil esta terra de portuguezes.

Deu-lhe a Providencia heroes, e, para os tornar immortaes, um cantor immortal.

Não apagam os seculos estas memorias, porque superior ao lampear dos montantes e ao sulco luminoso dos galeões e das caravelas, esplende o brilbantismo de um espirito culto, de um talento enorme, de um genio sublime.

E' CAMÕES este astro que illumina a patria.

E' CAMÕES que lhe canta as suas glorias.

E' CAMÕES que lhe immortalisa os feitos.

Nas estrophes do grande poeta ha os sorrisos do coração que ama, os arrojos do soldado valente, as abnegações do cidadão honesto e os impetos ardentes de uma alma de patriota.

Trezentos annos volvidos, e ainda esta terra, onde pulsam corações portuguezes, o não esqueceu!

Trezentos annos não escurentam o brilho do seu monumento!

Trezentos annos não desbotam o fulgor dos seus LUSIADAS!

O dia 10 de Junho é um dia memoravel nos fastos nacionaes.

As corôas de louro chovem sobre o tumulo do poeta.

E' uma divida que se paga e um preito que se rende.

A nação leva alli o seu enthusiasmo, a sua dignidade, os seus brios, o seu patriotismo, as suas saudades.

Póde levantar a cabeça diante de si e diante das nações cultas.

E' uma aurora esta homenagem de um povo.

O espirito da patria adeja por sobre o tumulo de CAMÕES.

O espirito segue o espirito, e confunde-se no amplexo adoravel do Infinito.

Bem dita homenagem esta, porque é immortal!

E a immortalidade é a Providencia, á beira de um tumulo, a chamar os povos, a unil-os, a estreital-os, a formar a grande familia humana.

Bem dita Providencia! Eu creio em Ti, porque só Tu levantas os espiritos.

Eu creio em Ti. porque só Tu podes regenerar os povos.

Eu creio em Ti, porque só Tu podes agrupar, em derredor do altar da patria, a verdadeira dedicação, o verdadeiro patriotismo, a verdadeira crença.

Foi grande o Portugal d'outras eras, porque foi uma terra de crenças.

Se o gladio do conquistador por vezes se maculou, a Cruz frondejou robusta e fructificou fructos de muita valia, conquistando espiritos.

E' esta a verdadeira conquista, é esta a verdadeira gloria, é este o verdadeiro triumpho de Portugal.

Rendamos culto a todas as grandes e nobres almas que batalharam. briosas e honradamente, pela verdadeira gloria nacional.

Foram grandes, e por isso engrandeceram a patria.

E a patria reconhecida deu-lhes CAMÕES para lhes celebrar os feitos.

E o cantor immortal immortalisou heroes.

Hoje, no seculo XIX, ao celebrar o tricentenario da morte do grande poeta, Portugal reconhecido ergue-se verdadeiro patriota, e vae depôr sobre o tumulo do grande CAMÕES, do seu querido poeta, do cantor das suas glorias, milhares de corôas.

Que Deus acolha o grande e nobre espirito, e tome debaixo da sua guarda esta briosas e laureada nação!

E' este um voto de portuguez, que se associa ao de todos os portuguezes.

A VOZ DE JAU

«Grinaldas manda pôr de varias côres,
Sobre cabellos louros á porfia.»

LUSIADAS—canto VI—Est. 87.—

Junto das margens do Tejo, a hora adiantada da noite, se devisa negreando de longe a longe, encostado ás parêdes do convento de Belem, um vulto, que chóra e quer fallar e não póde!

Que sombra, será aquella, que apparenta fórma humana e vagarosamente se aproxima do Tejo pensando e meditando? Deve sêr um vulto grandioso, ou quem sabe!—um simples escravo que se alevante da campa para vir honrar o nome de Portugal! E' o escravo de Java, é o *Antonio* predilecto do amador de Natercia, que sentindo na região dos mortos revolveram-se as ossadas do seu senhor, se alevanta do tumulo para bem-dizêr com lagrimas de prazer as gerações d'este seculo!

Depois d'um prolongado silencio, o escravo das terras d'além mar, involto na sua triste mor-

talha, enchuga as lagrimas que lhe humedecem as faces e brada:—meu senhor e amigo, o teu grande nome hoje *se espalhe e cante no Universo.*

Inclinem-se por um pouco as magestades, e deixem reverentes passar o atháude, que incerra as reliquias mais preciosas d'esta nação. «*E tu nobre Lisboa, que no mundo, facilmente d'outras és Princeza.*» curva-te á memoria do rei do genio, do meu Luiz de Camões, que nas conquistas defendeu o nome da gente lusitana, para morrer na miseria, por que «*não pôde resistir á força dura.*»

Muito heroicamente pugnou Luiz de Camões pelas glórias de Portugal para mais tarde morrer com 15\$000 réis annuaes, envolto nos tristes lençoes do hospital! E morreu martyr sem ir «*a buscar outro mundo, onde não visse,*» quem do seu pranto se amercêasse! «*Converteu-se a patria em terra dura*» e morrendo na penuria «*o espirito dá aquem lho tinha dado.*»

Desventurado Poeta! Cruêsas nas paragens d'alem e desventuras nas terras d'aquem! Foi esta a sua sorte! Pobre vate, a patria te não escutava, e tu silencioso eras «*junto d'um penedo, outro penedo.*» Com os fulgores do seu genio esclareceu mais «*que geração alguma não abriu*», passando atribulações, que homem algum não soffreu. Teve uma cruz e pezada, e grandes foram as dores, «*as que elle para si na cruz tomou.*»

Honra, pois, á moderna geração portugueza, que hoje se alevanta a honrar o nome immortal de Luiz de Camões.

Meu senhor e amigo, fostes desventuroso. Cinco annos de exilio em Macau! Que o diga a gruta d'aquellas remotas paragens! Sete annos de fome e miseria na formosa capital da nação!

Deportado para Gôa, desterrado em Santarem, perseguido pelos seus amores a uma mulher e elle sempre, sempre a cantar as glorias de Portugal!

Grande nos teus cantos, mas tendo por premio de talento, a desventura, o infortunio! Meu senhor e amigo, perdeste um ôlho nas batalhas navaes em defeza da patria, e tão adversa vos foi a sorte, que quando desembarcastes no Tejo para descansares dos trabalhos das conquistas, encontrastes a peste assolando Lisboa, podendo mais tarde o teu rei amigo, que deixou a crôa de Portugal na guerra d'Alcacer-Kibir.

Terminaram os teus soffrimentos com o ultimo pedaço de pão que te deu o escravo de Jáva no leito da miseria!

Tanto desprezo, vae hoje ser vingado á luz da civilisação.

E o pobre escravo, depois de assim haver fallado junto das aguas do Tejo, estremeceu de repente ao ouvir as salvas da artelheria annunciando o dia solemnissimo do tricentenario.

A aurora principiou a desdobrar o seu manto radiante no formoso céo do oriente. O escravo, arastando a mortalha, coberta com o pó da campa de 3 seculos, aproxima-se do seu sepulchro, n'elle se esconde, bradando—Portuguezes, victoriae o nome de Luiz de Camões, e dizei ás de mais nações da Europa:

*«Cesse tudo que a musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.»*

Ao cahir a pedra do sepulchro, que escondeu o filho de Java, disse este: Seja a festa dedicada á memoria de Camões, mas lembrae-vos, tambem portuguezes, do pobre escravo.

—A festa tambem deve ser d'elle, por quanto ahi estão ainda hoje as ruas de Lisboa, por onde elle vagueava, pedindo — esmola para Luiz de Camões!

MANOEL BERNARDINO DA CUNHA E SILVA.



DEZ DE JUNHO

O dia 10 de Junho de 1880 marcará sempre uma página esplendorosa nos fastos da moderna historia portugueza.

N'elle se paga uma divida de tres seculos ao maior dos filhos d'este torrão feracissimo, ao cantor immortal das glorias da nossa amada patria — ao grande LUIZ DE CAMÕES.

Este preito memorando, sagrado hoje á realeza do genio por todo um povo que deu leis ao mundo, attesta que ainda se não extinguiu totalmente, em veias de portuguezes, aquelle sangue vivificador d'heroes que foram o assombro de passadas eras, e cujos nomes as cem vozes da fama repetem altisonos de geração em geração.

Portugal, honrando o auctor dos *Lusiadas*, que é o mais seguro penhor da immortalidade do seu nome, e o mais significativo testemunho publico da individualidade da nossa autonomia, honra-se a si, e apaga uma nodoa que o deslustrava aos olhos das nações cultas.

